



ROTAS CULTURAIS NO ALTO JEQUITINHONHA, MG- O PATRIMÔNIO HISTÓRICO E GEOMINEIRO DE EXTRAÇÃO, DIAMANTINA-MG: TERRITORIALIDADE, IDENTIDADE E TURISMO

**NASCIMENTO, CLÁUDIO (1); BRAGA, LILIANE R. DE O. (2); DEUS, JOSÉ A. S.
(3); SILVA, LUDIMILA M. R. (4); GIANASI, LUSSANDRA (5)**

(1) Graduando em Geografia. Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais/Brasil.

Avenida Antônio Carlos 6627 Laboratório de Geografia Agrária 3041 – 3º andar IGC-UFMG
Pampulha/ Belo Horizonte MG. CEP: 31270901
E-mail: nascimentogeografando@gmail.com

(2) Geógrafa, Mestre e Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Avenida Antônio Carlos 6627 Laboratório de Geografia Agrária 3041 – 3º andar IGC-UFMG
Pampulha/ Belo Horizonte MG. CEP: 31270901
E-mail: ludimilardrigues86@gmail.com

(3) Docente do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Avenida Antônio Carlos 6627 Laboratório de Geografia Agrária 3041 – 3º andar IGC-UFMG
Pampulha/ Belo Horizonte MG. CEP: 31270901
E-mail: jantoniosdeus@uol.com.br

(4) Geógrafa, Mestre e Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Avenida Antônio Carlos 6627 Laboratório de Geografia Agrária 3041 – 3º andar IGC-UFMG
Pampulha/ Belo Horizonte MG. CEP: 31270901
E-mail: liliane.geo@gmail.com

(5) Docente Dr^a Adjunta/Pesquisadora em Geografia do Instituto de Geociências da UFMG/Brasil e Coordenadora do CENEX – IGC/UFMG.

Avenida Antônio Carlos 6627 Laboratório de Geografia Agrária 3041 – 3º andar IGC-UFMG
Pampulha/ Belo Horizonte MG. CEP: 31270901
E-mail: lussandrums@gmail.com

RESUMO

Nas últimas décadas, iniciativas de conservação do patrimônio geológico e mineiro têm se disseminado em nível nacional e internacional por meio de instituições governamentais e acadêmicas. Dentre essas, o desenvolvimento de roteiros geoturísticos, pode se configurar como uma prática relevante para as comunidades tradicionais, por meio da sua inserção na construção e desenvolvimento de projetos que visam a valorização e conservação do patrimônio geomineiro. O objetivo deste trabalho foi investigar a percepção da comunidade do distrito de Extração, em Diamantina no Alto Jequitinhonha, MG, a respeito do patrimônio geomineiro local frente ao desenvolvimento de propostas geoturísticas. Diamantina, reconhecida pela UNESCO como Patrimônio Cultural da Humanidade, se transformou num importante ícone para a história da mineração do Brasil. Em sua porção sudeste encontra-se o distrito de Extração, também conhecido por Curralinho, situado a 12 km da área urbana. No distrito aflora o Conglomerado Diamantífero Sopa, reconhecido pela Comissão Brasileira de Sítios Geológicos e Paleontológicos - SIGEP como uma importante unidade geológica e marco histórico da mineração de diamantes no Brasil. Os procedimentos metodológicos se pautaram inicialmente em pesquisa bibliográfica acerca do patrimônio geomineiro; geoturismo; percepção ambiental; geografia cultural; territorialidades. Trabalhos de campo, aí realizados, contaram com a realização de entrevistas semiestruturadas com a comunidade local, bem como a visitação e observação *in loco* do patrimônio geomineiro. A partir da contextualização e sistematização dos dados primários e secundários obtidos, a análise dos resultados permitiu identificar que a comunidade local mantém uma relação intrínseca com a história da mineração de diamantes, seja pela toponímia, pelas manifestações culturais como o festejo de Nossa Senhora do Rosário dos Garimpeiros, num contexto regional, que tem como atrativos locais de interesse geológico (geossítios) e de lazer como a gruta do Salitre, a cachoeira dos Remédios, a represa e o Hotel Fazenda Estância do Salitre, implantado numa antiga área de extração de diamantes. A história da mineração encontra-se presente enquanto um fator constitutivo da identidade territorial local. A comunidade se mostrou favorável e receptiva a propostas de desenvolvimento e planejamento para a consolidação do geoturismo local.

Palavras-chave: patrimônio geomineiro, geoturismo, territorialidades, percepção ambiental

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, iniciativas de conservação do patrimônio geológico e mineiro têm se disseminado em nível nacional e internacional por meio de instituições governamentais e acadêmicas. Dentre essas, o desenvolvimento de roteiros geoturísticos, pode se configurar como uma prática relevante para as comunidades tradicionais, por meio da sua inserção na construção e desenvolvimento de projetos que visam a valorização e conservação do patrimônio geomineiro e o fortalecimento da identidade territorial.

Os roteiros geoturísticos configuram-se como itinerários que abarcam um conjunto de atrativos ligados ao patrimônio geológico e mineiro com elevado potencial para a divulgação das Geociências e prática do geoturismo. A elaboração desses roteiros é complexa, demandando a atuação de uma série atores, como poder público, iniciativa privada e sociedade civil, no qual se incluem as comunidades locais que muitas vezes mantêm uma relação intrínseca com o patrimônio geológico e mineiro.

Neste contexto, a inserção e a percepção das comunidades locais no processo de construção desses roteiros geoturísticos é de suma importância, uma vez que permite maior interação com os elementos socioespaciais e com o patrimônio geomineiro, contribuindo para o resgate da memória, história e identidade, além de exaltar as relações tofílicas.

A mesorregião do Vale do Jequitinhonha, localizada na porção Nordeste de Minas Gerais é detentora de uma rica diversidade litológica, mantendo uma relação intrínseca com a história da mineração, que se deu em sua maioria por meio de garimpos. Entretanto, nas últimas décadas tem se atestado uma decadência da atividade garimpeira, o que vem contribuindo para os processos de desterritorialização, além das deficiências com a geração de emprego e renda.

O objetivo deste trabalho foi investigar a percepção da comunidade do distrito de Extração, em Diamantina no Alto Jequitinhonha, MG, a respeito do patrimônio geomineiro local frente ao desenvolvimento de propostas geoturísticas.

Em termos metodológicos, o estudo se insere no campo da Percepção Ambiental, amparando-se na Pesquisa-Ação Participante e na observação direta, técnicas de pesquisa qualitativas que se relacionam de forma intrínseca ao objetivo proposto, uma vez que oportunizaram aos pesquisadores um maior envolvimento com o universo analisado, essencial para a busca da estrutura dos significados culturais e de sua interpretação (GEERTZ, 2008).

Os procedimentos metodológicos se pautaram inicialmente em pesquisa bibliográfica acerca do patrimônio geomineiro; geoturismo; percepção ambiental; geografia cultural e territorialidades. Os trabalhos de campo, contaram com a realização de entrevistas semiestruturadas com a comunidade local, bem como a visitação e observação *in loco* de atrativos naturais que compõe o patrimônio geomineiro. A partir da contextualização e sistematização dos dados primários e secundários obtidos foi realizada análise reflexiva dos resultados.

2 PATRIMÔNIO GEOMINEIRO, GEOTURISMO E SUAS RELAÇÕES COM COMUNIDADES LOCAIS

Nas últimas décadas, as discussões sobre o patrimônio também passaram a serem investigadas no campo ambiental, considerando a relevância da manutenção dos recursos naturais.

Segundo Brilha (2005) por patrimônio geológico entende-se o conjunto de locais e objetos geológicos que, pela sua localização e conteúdo particulares, constituem documentos que testemunham a história da Terra. Estes locais designam-se genericamente por Locais de Interesse, seja pelas suas características de raridade, didatismo ou monumentalidade, designados como monumentos geológicos ou geomonumentos.

O referido autor ainda exalta que ocorrências geológicas, bem delimitadas geograficamente, oferecem um valor singular científico, pedagógico, cultural, turístico e são habitualmente, designadas geossítios. Neste contexto, define-se o Patrimônio Geológico, como sendo o conjunto dos geossítios inventariados e caracterizados numa dada área ou região. O Patrimônio Geológico inclui também os Patrimônios Paleontológico, Mineralógico, Geomorfológico, Hidrogeológico, Espeleológico, Geomineiro, entre outros, integrando dessa forma todos os elementos abióticos.

O patrimônio mineiro, alvo desse estudo, é composto por diversos elementos como estruturas materiais, construções, maquinários, oficinas, galerias, entre outros, mas também abarca as territorialidades mineiras que a comunidade desenvolveu ao longo dos períodos de exploração.

Essa cultura mineira é capaz de garantir conhecimento para as gerações futuras e para outras minas a serem implantadas em outros lugares, assim (re) valorizando o local após a finalização da extração mineral (VALENTE; FIGUEIREDO, 2008).

Neste sentido, o patrimônio de antigas instalações minerárias tem recebido um interesse crescente em países desenvolvidos, devido as suas características científicas e

culturais que podem ter potencial para o desenvolvimento do turismo (CORREIA, SÁ e FAVAS, 2012).

Ruchkys, Panisset e Rezun, (2017) apontam que minas desativadas podem se configurar como locais de utilidade pública, valorizando o patrimônio geológico e mineiro e assegurando que o seu valor seja legitimado integrando-o à comunidade local. O fomento das atividades turísticas em minas preparadas para visitação com proposta museológica adequada pode, inclusive, proporcionar um aumento do fluxo de visitantes em localidades que antes viviam da atividade mineraria atualmente exaurida, desencadeando impactos positivos vinculados a questões sociais, econ micas, ambientais e educacionais.

No que concerne ao patrimônio de antigas lavras minerárias, as atividades de geoturismo podem contribuir para a divulga o, conserva o e valoriza o do patrimônio mineiro, configurando como uma alternativa econ mica potencializadora para os grupos que trabalhavam nesses territórios minerários e necessitam se recolocar no mercado de trabalho após o encerramento das atividades de minera o.

O geoturismo   uma modalidade do turismo emergente em âmbito internacional e nacional. Esse segmento turístico fundamenta-se na identifica o, conserva o e valoriza o do patrimônio geológico e mineiro; além da difusão do conhecimento geológico para o público leigo, visando inclusive sua execu o a partir dos princípios do desenvolvimento sustentável.

Para López & Salazar (2008) o geoturismo constituiria uma estratégia com o objetivo de promover o desenvolvimento sustentável em comunidades economicamente deprimidas, por meio da utiliza o e prote o do seu patrimônio geológico e mineiro com os recursos turísticos de elevada qualidade.

3 PERCEP O, TERRITORIALIDADE, E PATRIMÔNIO GEOMINEIRO: AS INTERFACES ENTRE IDENTIDADE, CULTURA E MINERA O

A Geografia Humanista-Cultural no que concerne aos estudos de percep o ambiental compartilha com as proposi es de Tuan (1980) sobre o espaço vivido, o lugar, os vínculos afetivos entre sujeitos e espaço geográfico, denominados topofilia. Já o sentimento de aversão a lugares categoriza-se por topofobia, conforme ressaltado por Amorim (1999).

Yi-Fu Tuan (1980)   um dos precursores da utiliza o do termo topofilia no campo da análise geográfica. Em sua obra, *“Topofilia: um estudo da percep o, atitudes e valores do meio ambiente”*, o autor apresenta, de maneira sucinta, que “topofilia   o elo afetivo entre a

pessoa e o lugar ou ambiente físico. Difuso como conceito, vívido e concreto como experiência pessoal". (TUAN, 1980). E ainda, de forma detalhada, acrescenta que:

A palavra topofilia é um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Estes diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão. (TUAN, 1980).

Destarte, Tuan (1980) apresenta diferentes nuances do sentimento topofílico, em que se destaca a relação afetiva positiva entre as pessoas e os lugares e os diversos tipos que se manifestam. Uma delas refere-se a resposta ao meio ambiente essencialmente estética, seja em um efêmero prazer que se tem de uma vista ou pela sensação de beleza, igualmente passageira, porém intensa e inesperadamente revelada. Isso ocorre devido a pessoa ser um organismo biológico, um ser social e um indivíduo. Dessa maneira, sua percepção, atitude e valor refletem os três níveis do ser.

Neste âmbito, a história da mineração e a diversidade de elementos socioespaciais de uma região também podem apresentar aspectos relevantes que caracterizam as relações entre o indivíduo e o seu meio, seu espaço de vida, estruturado numa rede de significados e de elementos valorizados.

As áreas de mineração inativas, além de seus impactos, se guardam testemunhos da história, parte da identidade cultural de determinados grupos. Sob a ótica da territorialização, a mineração é capaz de alterar profundamente a estrutura e as relações de comunidades, visto que reconfigura o território por completo e suas relações, (des) construindo referências espaciais e culturais.

Haesbaert (2005) ressalta-se que a territorialidade, além de incorporar uma dimensão estritamente política, abarca também as relações econômicas e culturais, pois está "intimamente ligada ao modo como as pessoas utilizam a terra, como elas próprias se organizam no espaço e como elas dão significado ao lugar".

Entretanto, esta interferência não é necessariamente de cunho negativo, pois seu efeito também é capaz de influir e resultar em novas referências e identidades, sendo um agente ativo. Isto é representativo não somente da sua complexidade e imprevisibilidade, mas das instâncias de dinamismo e articulação que o território possui, visto que se modifica constantemente (ACCIOLY, 2012).

4 O PATRIMÔNIO GEOMINEIRO DE EXTRAÇÃO/CURRALINHO

O município de Diamantina encontra-se geograficamente situado nos domínios da serra do Espinhaço Meridional, na Mesorregião do Vale do Jequitinhonha, porção nordeste de Minas Gerais. Sua sede dista aproximadamente 300 km da capital mineira. Ocupando uma área de 3.870 km², o município é composto por 11 distritos: Sede; Conselheiro Mata; Desembargador Otoni; Sopa; Guinda; Inhaí; Mendanha; Extração (Currálinho); Planalto de Minas; São João da Chapada e Senador Mourão.

Em termos geológicos, essa região integra à província diamantífera da Serra do Espinhaço. Diamantina configura-se como o distrito diamantífero mais relevante da província, tendo em vista seu contexto histórico, econômico e cultural. Segundo Chaves et al., (1993), foram extraídos neste distrito diamantífero cerca de 40% de todos os diamantes já produzidos no Brasil. O Supergrupo Espinhaço é a unidade geológica de maior expressão, intercalando numerosas lentes de conglomerados diamantíferos, visto que os diamantes foram distribuídos para unidades geológicas mais jovens (CHAVES; MENEGUETTI, 2002).

A morfologia regional está estreitamente associada às litologias que a integram. De acordo com Saadi (1995), o Planalto Meridional do Espinhaço constitui um conjunto de terras altas, em forma de bumerangue de direção geral norte-sul e convexidade orientada para oeste. O Planalto Diamantino oferece um conjunto de propriedades em sua morfogênese que influenciaram as atividades econômicas e o povoamento regional, tendo em vista os depósitos de diamante e ouro (MORAIS, 2014).

Este Planalto foi descrito por naturalistas como Saint-Hilaire, Spix e Martius, entre outros no século XX (LACERDA, 2014). A região é contemplada por uma rica biodiversidade, abarcada por ecossistemas do Cerrado e da Mata Atlântica. As fitofisionomias vinculadas ao Cerrado apresentam predominância de feições herbáceas, herbáceo-arbustivas e arbustivas, com destaque para o campo rupestre quartzítico. De acordo com Gontijo (2008), tais ocorrências fitofisionômicas estão condicionadas ao clima e aos aspectos morfológicos regionais. Importante ressaltar que a região configura-se como um ecótono, transição do Cerrado e Mata Atlântica, sendo reconhecida pela diversidade florística e faunística e também pelo endemismo das espécies dos campos rupestres e, dentre as Unidades de Conservação, pode ser citada a Reserva da Biosfera do Espinhaço.

Sob a ótica histórica e cultural, o rico acervo arquitetônico e urbanístico presente em Diamantina lhe conferiu o tombamento do seu núcleo histórico em nível federal e estadual, além de ter sido reconhecida pela UNESCO, em 1999 como Patrimônio Cultural da Humanidade. A seguir, apresenta-se uma amostra desse rico patrimônio que guarda belos

registros sobre a história da mineração de diamantes, acompanhada de territorialidades e identidades culturais.

Na porção sudeste de Diamantina encontra-se o distrito de Extração, também conhecido por Currálinho, distante aproximadamente 12 km do núcleo urbano do município. Inserido na sub-bacia do ribeirão do Inferno, Currálinho oferece uma paisagem peculiar em que se destaca a serra do Salitre, onde se encontra a gruta homônima, além de um exuberante conjunto arquitetônico colonial.

No âmbito geológico, o distrito de Currálinho integra o Conglomerado Diamantífero Sopa, reconhecido pela Comissão Brasileira de Sítios Geológicos e Paleontológicos - SIGEP como um importante sítio geológico e marco histórico da mineração de diamantes no Brasil. De acordo com Chaves e Meneguetti (2002):

O campo de Extração caracteriza-se por possuir os maiores volumes de rocha conglomerática, com os mais altos teores, e ainda por ter produzido as maiores pedras de todo distrito. Em 1954, foi encontrado um diamante com 64,4 ct, possivelmente o maior da região, em um terraço aluvionar do Ribeirão do Inferno. Esses fatos determinaram que diversas áreas de afloramento do Conglomerado Sopa já tenham sido lavradas em escala industrial, principalmente durante o presente século, nas lavras Boa Vista, Serrinha, Cafundó e Cavalo Morto (Chaves; Meneguetti, 2002).

As origens de Currálinho remontam ao início do século XVIII, quando negros escravizados trabalhavam nos cursos d'água da região, inicialmente a serviço dos contratadores de diamantes e, posteriormente, pela Coroa Portuguesa. De acordo com Lacerda (2014), tudo indica que Currálinho não existia no século XVIII, mas no século XIX o lugar surge nos relatos dos viajantes.

(...) chegamos a um serviço de diamantes, chamado serviço do Currálinho, porque aí havia outrora um cercado para animais (...). Não havia ninguém em Currálinho quando aí passamos; os negros deste serviço haviam sido enviados aos de Linguíça e de Mata-mata. (Lacerda, 2014, p. 35).

O topônimo Currálinho deve-se à criação de um cercado para conter animais. Durante alguns anos, o distrito serviu de pouso de tropeiros, por estar inserido na rota da "Estrada Real". As construções mais antigas apresentam uma arquitetura colonial, inseridas em vias não pavimentadas, em sua maioria, recobertas por grama (Figura 1).



Figura 1: aspecto das construções de Currálinho. Fonte: Braga, L.R. O. (2018)

O contexto paisagístico local inspirou diversas produções artísticas, servindo de cenário para o filme “Xica da Silva”, na década de 1970. Em 1995, Currálinho fora transformado na cidade fictícia de Coroado pela novela “Irmãos Coragem”, exibida pela rede Globo de televisão. Registram-se também no distrito as gravações do filme “Vida de Menina”, de Helena Solberg (ARAÚJO, 2014). Tais aspectos indicam o valor da paisagem local para a sociedade em geral, retratado através do interesse da grande mídia pelo lugar.

Um importante aspecto observado é que a decadência da atividade mineral tem contribuído para a migração populacional local. Grande parte dos moradores se deslocou para Diamantina em busca de trabalho, ou para outras regiões do estado e do país. De acordo com Araújo (2014), alguns moradores ainda insistem em manter a tradição garimpeira, entretanto, a maioria da população está desempregada ou trabalhando na sede urbana de Diamantina. Atualmente, grande parte das residências pertence a pessoas que vão ao distrito somente nos finais de semana e feriados. Tal fato é notável na fala de um garimpeiro local, conforme retrata Lacerda (2014):

Aqui todo mundo era garimpeiro... muita gente foi embora, mas tem muita gente chegando... faz casa, mas só vem nas férias, final de semana... as casas ficam fechadas. Muita gente daqui vende os lotes e vai embora (LACERDA, 2014, p. 171).

No que concerne aos aspectos turísticos, o distrito oferece grande potencialidade para a prática do Geoturismo e do Turismo Rural, tendo em vista sua relação intrínseca com a história da mineração de diamantes. Nesse âmbito, destacam-se as lavras da Serrinha, do Cavalo Morto¹, o garimpo do “Zé Pedro”, a represa e subestação de energia. Registram-se ainda outros locais de interesse geológico e de lazer como a gruta do Salitre, o mirante, a cachoeira dos Remédios, e o hotel fazenda Estância do Salitre. De acordo com o proprietário do hotel fazenda, a área onde se encontra o lago, consistia em uma antiga área de garimpo de diamantes, onde atualmente são ofertadas atividades de lazer como peladinho, toboágua e tirolesa (Figura 2).



Figura 2: antiga área de garimpo de diamantes no hotel fazenda Estância do Salitre. Fonte: BRAGA, L.R. O., 2017

Dentre as manifestações culturais religiosas, merece destaque a festa de Nossa Senhora do Rosário dos Garimpeiros, realizada no mês de outubro, que conta com um cortejo representando parte da história dos negros, do Arraial do Tejuco, além da presença de grupos de Congado, Marujada e Caboclinhos. Segundo moradores locais, essa é a manifestação de maior representatividade, implicando no envolvimento de toda a comunidade com os preparativos festivos.

¹ As lavras da Serrinha e do Cavalo Morto pertenceram a Companhia Mineira de Diamantes, conhecida como “Boa Vista”, que operou até meados do século XX.

Outro tipo de manifestação cultural que vem sendo desenvolvida no distrito nos últimos anos consiste na realização de festivais gastronômicos, que buscam divulgar e valorizar a gastronomia local, além de fomentar a geração de emprego e renda.

Neste contexto, Zaidan e Ottoni (2016), discorrem sobre os resultados do “I Festival de Gastronomia de Diamantina e Distritos”, que teve como foco atrair um maior número de visitantes, desconcentrar a atividade turística da sede municipal e utilizar a mesma como instrumentos para geração de renda e valorização da cultura regional. Os resultados da pesquisa apontam que Curralinho foi o distrito que teve a maior movimentação financeira. Além da geração de renda, os participantes salientaram como ponto positivo a participação nas oficinas, que trouxe conhecimento, aprendizado e momentos de interação e participação da comunidade. Neste sentido, a destacada presença de Curralinho no Festival de Gastronomia é prelúdio para a análise da relevância da culinária para a identidade e territorialidade locais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Vale do Jequitinhonha é detentor de um patrimônio natural e cultural de grande relevância para Minas Gerais. No Alto Jequitinhonha, Diamantina e seu distrito de Extração guardam notáveis testemunhos de sua conectividade com o patrimônio geológico e mineiro, com a mineração de diamantes associada a beleza cênica do Espinhaço, oferecendo grande potencial turístico.

Durante as entrevistas com a comunidade de Extração foi possível notar os vínculos positivos com os lugares que expressam uma forte relação topofílica dos moradores locais, por meio dos depoimentos dos entrevistados que afirmam gostar do lugar, das pessoas e de onde nasceram, além de valorizarem os modos de vida locais e as paisagens da região e a história da mineração de diamantes.

Os relatos apontam que a comunidade mantém uma relação intrínseca com a história da mineração de diamantes, seja pela toponímia, pelas manifestações culturais como o festejo de Nossa Senhora do Rosário dos Garimpeiros, num contexto regional, que tem como atrativos locais de interesse geológico (geossítios) e de lazer como a gruta do Salitre, a cachoeira dos Remédios, a represa e o Hotel Fazenda Estância do Salitre, implantado numa antiga área de extração de diamantes. A história da mineração encontra-se presente enquanto um fator constitutivo da identidade territorial local. A comunidade se mostrou favorável e receptiva a propostas de desenvolvimento e planejamento para a consolidação do geoturismo local.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACCIOLY, S. M. L. (2012). Uso Futuro de Áreas Mineradas e o Meio Urbano: O Caso de Águas Claras. *Dissertação* – Escola de Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Belo Horizonte. 173 p.

AMORIM FILHO, O.B. Topofilia, topofobia e topocídeo em Minas Gerais. In: Del Rio, Vicente, Oliveira, Lívia de. *Percepção Ambiental: A experiência Brasileira*. 2ª edição. São Carlos (SP): UFSCar/ Studio Nobel, 1999, p. 139-152.

ARAÚJO, H. R. Valoração dos serviços ambientais da gruta do Salitre, Diamantina, Minas Gerais. *Dissertação*. Universidade Federal de Ouro Preto. 2014. 86 p

BRILHA, J. *Patrimônio Geológico e Geoconservação: A conservação da Natureza na sua vertente geológica*. Braga, Portugal. Palimage Editores p.91. 2005

CHAVES, M.L. S.C. MENEGHETTI FILHO, Í. Conglomerado Diamantífero Sopa, Região de Diamantina, MG: Marco histórico da mineração do diamante no Brasil – SIGEP. Brasília, p.517 a 527. 2002.

CHAVES, M.L.S.C.; DUPONT, H.; KARFUNKEL, J.; SVISERO, D.P. 1993. Depósitos diamantíferos de Minas Gerais: uma revisão. In: UFMT, *Simpósio Brasileiro de Geologia do Diamante*, 1, Cuiabá, Anais..., 1:79-100.

CORREIA, V. F.; SÁ, A.; FAVAS, P. J. C. Valorização patrimonial das Minas de Regoufe e Rio de Frades (Geoparque Arouca, Portugal). *Para aprender com a Terra: memórias e notícias de Geociências no espaço lusófono*. 2012.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. 1 ed., 13. reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HAESBAERT, R. Da desterritorialização à multiterritorialidade. In: X ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, *Anais...* 2005

LACERDA, M. O. Paisagem da Terra dos Diamantes: passado e presente a favor de uma reflexão prospectiva. *Tese de Doutorado*, Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal de Minas Gerais. 387. 2014

LÓPEZ, R. & SALAZAR, J. Geotouristic Resources of Cubagua Island. Referência digital publicada na Associação Internacional de Geoturismo (Polónia). 2008. Disponível em: <http://geotourisonline.com/?articles,6>.

MORAES. M. S. A realidade socioambiental imposta as comunidades pela criação e implementação dos Parques Estaduais do Biribiri e Rio Preto. *Tese de Doutorado*, Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal de Minas Gerais. 230. 2014.

RUCHKYS, U.; TRAVASSOS, L.EP.; REZUN,B. Minas que valorizam o patrimônio geomineiro para o turismo e educação: exemplos de Idrija (Eslovênia) e Passagem (Minas Gerais - Brasil). *Ateliê Geográfico*. Goiânia-GO, v. 11, n. 2, ago./2017, p. 223-237

SAADI, A. A. A geomorfologia da Serra do Espinhaço em Minas Gerais e de suas margens. *Geonomos*. Belo horizonte 3 (1): 41-63, 1995.

VALENTE, S.; FIGUEIREDO, E. Feridas abertas na terra: da degradação dos sítios mineiros à sua recriação patrimonial – o caso das Minas da Panasqueira. In: *Cultura, Inovação e Território: o Agroalimentar e o Rural*, ed. L. Moreno, M. Sánchez, O. Simões, SPER - Sociedade Portuguesa de Estudos Rurais. Coimbra, p. 133-142, 2008.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: DIFEL, 1980. 288p.

ZAIDAN, M.C.; OTONNI, F. G. E. A culinária tradicional diamantinense como atrativo turístico: uma nova possibilidade. *Marketing & Tourism Review*, Belo Horizonte - MG – Brasil, v. 1, n. 2, 2016.